

# a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:

JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor

CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XIV - N.º 232

Melgaço, 1 de Maio de 1961

## NÓS VOS SAUDAMOS... MELGAÇO ARCEBISPO PRIMAZ

COMO SE PODERÁ LER NESTE JORNAL, PARTIRAM PARA ANGOLA, EM DEFESA DA TERRA SAGRADA QUE HERDAMOS ALCUNS SOLDADOS DE MELGAÇO.

VIMOS-LOS NO EMBARQUE DE BRAGA, NA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO. ESTAVAM FIRMES NO SEU POSTO, CONCENTRADOS EM REFLEXÃO DA HORA QUE VIVEMOS. CORAJOSOS, COMO CONVEM A MOCIDADE, SOBRETUDO DA NOSSA TERRA.

VAO EM CUMPRIMENTO DO DEVER.

POR ISSO OS SAUDAMOS, COM RESPEITO, COM VAIDADE DE MELGACENSE, COM PATRIOTISMO.

PARTIRAM.

NÃO DEIXARAM PORTUGAL; ANGOLA É PORTUGAL. DEIXARAM ESTA TERRA LINDA, OS SEUS PAIS, OS SEUS AMIGOS, PARA DEFENDEREM, ALGO DE SAGRADO NA HISTÓRIA DE PORTUGAL; TERRA TAMBÉM LINDA, ONDE VÃO ENCONTRAR O ABRAÇO AMIGO DOS QUE SOFREM, A GRATIDÃO DOS QUE JÁ PARTIRAM, E SOBRETUDO, A NOSSA GRATIDÃO.

BRAVO, RAPAZES, A VOSSA TERRA CONTEMPLA-VOS, E QUAL INES NEGRA BATEI E ESCORRAÇAÍ OS RENEGADOS...

J. V.

## À volta de uma causa suprema

por  
ALBERTO DE CASTRO

O momento grave que atravessamos e de que todos os portugueses têm já consciência ineludível, não permitem tranquilidade de espécie alguma.

Tranquilidade, neste caso, só poderia traduzir-se por indiferença: posição negativa em que, creio, ninguém se coloca.

Efectivamente, um vento constante nos agita, o nosso mundo e o nosso espírito. Um vento cortante e agudo de nervosismo, de amargura, e de incitação a entrincheirarmos-nos no muito pouco mas grandioso que cada um vale.

A nossa África está em causa. Todos o sabem. Oferecem-nos essa certeza não somente o que os factos políticos ou coerências internacionais, separadas das nossas, nos tinham vindo a manifestar com uma dúvida implícita, mas que os actuais acontecimentos, que confirmam as primeiras dúvidas citadas—e são, incontestável realidade de que também seríamos atingidos. Ou seja (e concretizando): tudo leva a crer que um motor único continua a trabalhar, incessantemente, e pleno de manha, numa persistência e finalidade que, como todos os motores, nem ele sabe a razão. Mas que trabalha com certeza desde que Krutchev manifestou a sua vontade de tomar nova atitude política que, para nós, não pode ter outro sentido que o de subversão.

Subversão que vem daqueles para quem Deus é o Homem; a Pátria, um oásis branco de irrealidade; os direitos de Família meros traços que se apagam facilmente; mas que, apesar de tudo, não têm vergonha de acreditar de modo tão paradoxal num governo que, sem isso, ainda é menos que um oásis branco.

As charlatanices que vestiam as promessas de mundos e fundos eram próprias dos contos de fadas para cujo

(Continua na 4.ª página)

### faz parte do Alto Minho

Várias pessoas chamaram a nossa atenção para o facto de há tempos o sr. dr. Pedro Homem de Melo, ter dito ao microfone da Rádio, no Porto, falando de folclore que o Alto Minho começa em Valença e acaba em Monção...

Lamentamos, profundamente, que um verdadeiro Homem de Letras desconheça Melgaço...

### «Voz da nossa Terra»

Entrou no IX ano de publicação o Boletim Paroquial de Riba de Mouro, «Voz da Nossa Terra», superiormente dirigido pelo pároco da freguesia, Manuel António Bernardo.

Por tal motivo endereçamos ao nosso querido amigo sinceras felicitações.

### «Cronica de Pçços»...

AINDA OS MELHORA-  
MENTOS RURAIS

Fontenários e abastecimento de água aos lugares que mais necessitam é o tema que me leva a escrever esta mal notada crónica para bem do progresso desta pobre freguesia.

Digo pobre porque, quando por toda a parte se tem notado uma grande influência na exploração de águas em canalizações etc, esta freguesia vive na maior escuridão a este respeito. Não será aqui também terra de S.ta Maria? Por várias vezes se tem notado este caso nas colunas deste jornal. E é pena que ainda ninguém acordasse perante esta grande realidade. A nossa Câmara disse há tempos: «Muito poderiam fazer as Juntas das freguesias a este respeito cooperando assim com uma quota parte e tudo se resolveria». Temos à frente do destino do nosso concelho um homem de bem que vê as necessidades e as sabe remediar. Porque en-

(Continua na 2.ª pág.)

No próximo dia 5 ocorre o aniversário natalício de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz. A grandiosa homenagem que lhe vai prestar a Arquidiocese, respeitosamente nos associamos com sincero afeto a muitos anos.

## Por terras de França

Eu estava salvo. No alto do monte de S. Genés, sozinho, sem ninguém que me conhecesse, àquela hora tardia, a chuva a cair, envolvida em grosso manto de névoa, era realmente um bocado mau de passar.

Mas o Sr. Abade salvou-me. Vivía só, como aliás muitos párocos de França, que não tem serviçais e fazem todo o trabalho de casa.

Conversamos bastante e por ele pude saber que as cidades em França estão a levantar-se, a erguer-se, cristãmente; não assim as aldeias, já que é grande a escassez de clero paroquial.

Depois de uns aperitivos durante a nossa conversa, o meu colega foi despertar do sono um velho carro, seu coadjutor, quanto possível fiel, no alto daquela serra, em que tinha de paroquiar várias freguesias.

Depressa chegamos a casa do Sr. Domingos, onde, há anos, vivia perto o meu paroquiano, Manuel Esteves, de Loviô, que ia a procurar já desde Nimes, num comboio como os nossos, que subiu aqueles montes, descarregando névoas de fumo.

O Sr. Domingos já viera da pesca e estava à mesa, com os amigos.

Foi um problema, para me levar naquela noite a casa do Esteves infelizmente bastante longe dali. Mas foi, coitado, e o caso é que nos custou a fazer a viagem, pois a névoa, em certos sítios, era de respeito e quase não podíamos transitar! Mas fomos. E ao fim, estávamos em casa; eu podia dizer, em minha casa.

...

Pois o nosso Esteves já descansava no seu quarto, dos trabalhos do dia. Bati à porta e que alegria para todos! Não menor, a minha, por me ver salvo por aquelas paragens e em casa de um amigo, como se minha fosse.

O Esteves saltou logo para fora do leito, veio para a cozinha e logo se fez a ceia, a que não faltou a chilreada.

(Continua na 2.ª página)

## A 22 de Maio

## Festa a Santa Rita

### De 14 a 22, novena e pregação

### Todos a Santa Rita

## Por Terras de França

(Continuação da 1.ª página)

alacre dos pequeninos do meu bom Amigo. Fomos chamar o Augusto Meleiro, de Lovió, que morava ali, ao lado, numa casa que ele comprou e está a arranjar.

Rimo-nos muito com a história da pedreira e falamos da nossa terra, da nossa linda terra. Que pena não ser mais rica. Se fossemos capazes de a fazer mais rica, para que todos os seus filhos pudessem viver bem!...

Eu ia muito cansado. Uma noite sem dormir, em vigília, a pé, uma viagem longa e morosa, pois os comboios em França também andam devagar, tudo isto convidava-me a descansar e foi o que se fez. Há quem durma depressa; eu procurei descansar calmamente.

Quando no outro dia me levantei, era já dia alto e procurei a igreja, para celebrar a santa missa. Mas não pude, já que era anexa e não me foi possível encontrar o sacristão. Tive pena de não celebrar, eu que tanto precisava dos auxílios de Deus para a cruzada, por que ia lutar.

Voltei para casa e fui ver, enquanto o Esteves não voltava do trabalho, aqueles sítios. Muita floresta, vinhas abandonadas, e muitas nogueiras no baldio, a que todos podiam recorrer, no tempo das frutas.

Que bela ideia, para as nossas terras...

O Esteves e o Augusto voltaram a casa e naquela tarde pardacenta fizeram "gazeta". Não se trabalhou, pois então.

Pudemos ver com vagar as casas dos meus dois paroquianos que, de velhos palheiros, estavam a ficar uns pequenos "chalets".

A casa! O culto da casa! Como é bonito.

E como o emigrante devia ter consigo a sua família, a sua esposa e os seus filhinhos. Como se devia facilitar mais ainda a ida das famílias para França, reduzindo ao mínimo as possibilidades de desregramentos.

Pois bem. O Esteves tem rádio e uma boa moto; o Meleiro não tem moto, mas lá se vai governando com a sua motorizada e o facto é que, depois de vermos as suas granjzinhas, cheias de verdura e bem tratadas, lá seguimos para Clermont a visitar os rapazes da nossa terra.

Veem-se muitas casas, muitas com garagem, o nível de vida vai subindo muito em França e este país deve ser dos mais adiantados, na solução do problema social, honra lhe seja.

Novamente em Clermont, aonde cheguei, fomos logo ver o Felizberto, um belo rapaz da minha terra, infelizmente no hospital, com uma crise de nervos, mas amparado pelo seu irmão e pelos conterrâneos. O Berto... Coitadinho, enquanto eu o procurava, aparece-me ele, ofegante, a correr, a abraçar-me. Que alegria a deste rapaz, ao ver o seu pároco. E como eu tive pena de que estivesse no hospital e não andasse a trabalhar como os outros, ele que tanto queria mandar dinheiro para os seus pais...

Também ali estava um outro, de nome Leandro, de S. Pedro da Torre.

Na cidade, junto a uma igreja, eu vi um cartaz com o retrato de Lenine e estas frases: "há noventa anos, nasceu Lenine". A beira, uma linda igreja, com colunatas, e no frontespício, as palavras "Deo Optimo Maximo". Uma linda saudação a Deus, o Bom, naquela igreja de S. Vicente de Paula!

Dois homens! Lenine e S. Vicente de Paula!

Que diferença e que bem ficava ali a pequenez de Lenine, à beira daquela igreja e daquele santo. Não quero Lenine. O mundo seria diferente, se todos fossem amigos dos seus irmãos como S. Vicente de Paula, esse tufão do amor de Deus, por terras de França e até do mundo.

O Esteves e o Meleiro vigiavam-me, com a suficiente discreção e delicadeza, para que nada me faltasse e o caso é que eu, sem ter necessidade, acedi ao convite para tomar uma cerveja com os meus amigos. Sim, porque eu não tinha o direito de ir gastar dinheiro a estes rapazes que tanto se sacrificam para economizar o que lhes é possível.

E às 6,30 da tarde, fomos começar as nossas visitas, pelas barracas, junto à construção dum imponente hospital. Como me senti pequenino, ao ver as linhas elegantíssimas daqueles edifícios e do que um dia há-de ser o nosso hospital de Melgaço.

Como todos nos devíamos sacrificar, para levantarmos uma obra, o mais possível perfeita. Uma obra, que terá de ficar para muitas dezenas de anos, numa época de extraordinário desenvolvimento.

E lá foram aparecendo os nossos rapazes. Muitos, mas também não era nenhuma romaria de S. Bento, mas enfim,

(Continua na 5.ª página)

## «Crónica de Paços» ...

(Continuação da 1.ª página)

tão se lhe não faz ver esta grande necessidade de que carecemos nós os de Paços? Porque é que a nossa Junta se não prontifica a cooperar neste sentido? Não será esta uma justa causa? Então vejamos. No lugar do Outeiro há duas fontes mas ambas no fundo do lugar, e os habitantes do lugar da Grova, Ferraria e Sobreira ser-lhes é forçado terem de ir colher a água para os serviços domésticos ao fundo do lugar do Outeiro! Sabe Deus a que horas as mulheres destes lugares vêm fazer a comida principalmente, nestes seis meses de intensos trabalhos, e ainda para por tem que ir colher a água lá no fundo a fonte nova, ou fonte da (Farmacia.) Como ficariam bem dois fontanários a servir estas lugares, um na Ferraria e outro ao centro do lugar, na era da escola. E se fomos a analisar como vive o lugar de Sá a este respeito, então é o cúmulo. Ora sendo este lugar do-

(Continua na 6.ª página)

## Sociedade Aniversários

FAZEM ANOS: — Hoje os srs. arquitecto Nuno Belger Alves Sampaio; no dia 3 o sr. Lourenço José Ribeiro de Figueiredo e Castro; no dia 4 o sr. Mimoso Lopes de Sousa Cardoso; no dia 6 os srs. Juveniano Augusto Gomes, Manuel António Esteves e Manuel José Gomes de Sousa Júnior; no dia 7 o sr. prof. Manuel Ribeiro da Silva; no dia 8 as sras prof.ª D. Maria de Nazaré Rabadão Penetra de Castro e D. Maria Rosália Anselmo Penetra de Castro e o sr. Rui Augusto Lourenço; no dia 9 a sra. D. Lígia Belger Alves Sampaio e a menina Laura Maria Gomes de Sousa; no dia 12 o sr. António Esteves; no dia 13 o sr. Armando Alves; no dia 14 a sra. D. Amélia Veites de Carvalho Rodrigues, a menina Maria Teresa de Castro, os srs. António Bento Domingues e Henrique Luis de Barros Pinheiro e o jovem Manuel José Pereira Rodrigues; no dia 15 o sr. Alípio Gonçalves.

DE ANGOLA... — Vindas de Angola, por motivo dos acontecimentos ali havidos, acabam de chegar aos Espartezes a sra. D. Maria Leonor da Motá Solheiro de Barros Henriques e sua gentil filha menina Maria Teresa Solheiro de

(Continua na 5.ª pag.)

## Uma tarde bem passada

Foi na Segunda-feira de Páscoa. Numa roda de amigos, onde me achava, alguém diz:

—No domingo, em Fiães, vai ser coisa falada. Os moradores dos dois lugares de Soutomendo, por espírito de rivalidade e por capricho, encheram-se de brío e vão promover entre eles uma festa profana a despique, para o que já contrataram vários ranchos folclóricos, filarmónicas e não sei que mais. Tu que és, assim como quem diz, um «doente» pelo folclore não vais ver, ó Araújo?

—Hum!... veremos...

De facto, no dia 9 de Abril, na companhia de alguns amigos, pus os pés ao caminho e lá abalei em demanda de Fiães, para ali ver para crer como o Apóstolo Tomé.

Ao chegar junto do velho Convento, ficamos logo convencidos de que a coisa ia ser realmente falada, tal era o número de automóveis, particulares uns de aluguer outros, que ali estacionavam.

Daqui, calcuando péssimos caminhos, rumamos durante cerca de meia hora caras ao local do prélio, o que não foi difícil nem custoso fazer, pois lá diz a sabedoria que a descer todos os santos ajudam, além de que os sobarbos panoramas que dali se disfrutam compensam sobejadamente a fadiga e o tempo gasto.

Chegamos, pois, a Soutomendo de Baixo e confesso que todos nós ficamos verdadeiramente surpresos e maravilhados com tudo quanto ali pudemos apreciar. Em amplo, sólido e bem adornado estrado, exhibia-se o famoso «Rancho Folclórico de Santa Marta de Portuzelo», Viana do Castelo, enquanto que o garboso «Rancho de Bico», Paredes de Coura, aguardava a sua vez de actuar. Nesta lugar prestaram seu concurso a Banda dos B. V. de Melgaço, a típica orquestra galaica «Finisterra», de Pontevedra, e a «Cabine Sonora Melgaçense».

De quando em vez, os forasteiros em massa acorriam a Soutomendo de Cima, para aqui apreciarem e aplaudirem o não menos famoso «Rancho Folclórico de S. Torcato», de Guimarães, que também num soberbo estrado, que nada ficava a dever àquele, se exhibia com muito brilho e sucesso, e onde nos intervalos actuava a filarmónica de Riba de Mouro, se queimava muito fogo e se apresentavam outras muitas surpreendentes atrações.

Em dado momento, a festa, ou melhor as festas, parece que iam redundar num fracasso, pois caiu uma grande carga de água, que durante um quarto de hora obrigou cada qual a ficar sob o seu guarda-chuva ou a abrigar-se onde melhor o pôde fazer; mas o incidente foi passageiro, pois o bom tempo voltou, pelo que as mesmas festas prosseguiram com todo o brilho e entusiasmo, para gáudio das centenas de festeiros que, como eu, ali subiram e onde tiveram uma tarde realmente bem passada.

Prado, 15-4-1961.

L. Amador de Araújo

P. S. — Não fui a Soutomendo como árbitro, mas sim como apreciador apaixonado do folclore que sou; no entanto... se me fosse pedido meu voto, pois dá-lo-ia a Soutomendo de Baixo. E, já agora que me não esqueça dizer, apesar de eu ser um apaixonado pelo folclore, como disse, também acho que a ocasião foi péssimamente escolhida para a realização deste festival, pelos motivos de todos nós conhecidos. — Araújo.

PRADO, 25

Verdades como punhos...

Pois olhem que verdades, muitas e grandes como punhos, cantou-as em fundo no último número deste jornal, o sr. J. M. ao referir-se àquele festival folclórico de Fiães. Abençoada palmaria!...

Realmente, num momento em que os corações dos portugueses, dignos deste nome, songram de dor e ansiedade pelo que se está passando numa parcela da nossa Pátria, é uma loucura a realização de semelhantes pândegas, digam o que disserem. E mais, esbanjar-se dinheiro nestas patuscadas, quando tanta gente chora com fome, é crime e pecado.

Que tristeza e que pobreza de espírito a daquela gente...

(Continua na 5.ª página)

DA VILA

Abril, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Sempre que o pescado da nossa costa — chicharro e sardinhas, que para Melgaço o mar português parece não dar outra espécie... — fique uma temporada sem se mostrar por estes sítios, como agora que esteve cerca de um mês sem nos dar a honra da sua visita, é certo e sabido que o primeiro a chegar aqui é vendido a preço altamente especulativo. Um desaforo inqualificável...

Dizem-nos que na lota de Viana o chicharro raras vezes é vendido além de \$50 cada, o que muito bem pode ser verdade. Pois, Senhores! ainda no pretérito dia 15 e posteriormente o mesmo peixe foi vendido em Melgaço a 1\$80 cada!... Simplesmente escandaloso...

Por isso é que as peixeiras que o trazem andam de automóvel, coradas e nutridas, bem vestidas e ataviadas com anéis caros nos dedos, pesadas arrecadas de ouro nas orelhas e grossos cordões do mesmo metal ao pescoço; verdadeiros monstruários de ourives... Pudera!...

A "coisa" era fácil de resolver... não mediante guias de compra na lota, como já se tem feito noutras partes, pois isso é facilimo de mistificar, mas com uma brigada da I.G.A. que assistindo à venda do peixe na lota o comunicaria telefónica e imediatamente aos respectivos postos da G.N.R.; e... uma vez provada a especulação... cadeia com os prevericadores. Sim cadeia com esta detestável fauna de vampiros que só se sente bem a sugar o sangue do indefeso consumidor.

Claro, bem sabemos que aos Cresos e semi-ditos, isto não interessa, pois aos mesmos o que muito lhes dá cuidado é que a carinhã seja tenra e em conta; mas interessa-nos a nós, os pobres, sem eira nem beira nem sombra de figueira, que contra tudo e contra todos, sobretudo nesta altura, temos de defender a nossa magra bolsa das arremetidas dos vorazes "tubarones".

Crispino

Más novas... — Até nós, trazidas pelos jornais do dia 22, acaba de chegar a triste notícia de ter sido chacinado em Nambuangongo, Angola, conjuntamente com sua mulher e filhos, pelas vandálicas hordas de terroristas, o sr. Mário Alfredo Pereira, filho do sr. Alfredo Augusto Gonçalves Pereira (Pereirinha) e da sr.a Augusta da Ascensão Lourenço Fernandes (Trelisca), natural desta Vila, onde nasceu em 1927.

O sangue destas, bem como o de todas as demais vítimas daquela sanguinolenta xenofobia, clama desde o Céu um castigo severo e exemplar para os seus algozes. Quem mata deve morrer!...

Entretanto, a toda a família enlutada das infelizes vítimas, muito compungidamente apresentamos sentidos pésames.

Novo Delegado do Procurador da República — Para a vaga deixada pelo sr. dr. José Sarmento da Silva Reis, foi nomeado o sr. dr. Vítor Manuel Ferreira da Rocha, de cujo cargo tomou há dias posse.

Desejamos ao novo magistrado todas e as maiores felicidades no desempenho da sua tão nobre como espinhosa missão.

O tempo e a agricultura — Tem chovido, continua e copiosamente, cujas consequências, para já, só as devem sentir as vinhas, que assim não há sulfato que chegue para combater as doenças criptogâmicas.

— Sem ser em Chaviães, desde o dia 15 que já há cerejas maduras, estando as árvores geralmente tão carregadas que não podem com mais, tal é a abundância destes deliciosos frutos.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Maio podem semear: — abóbaras (x), agriões, aipo, alho-porro, alfaces, beterrabas (todas), cenouras, couves diversas (especial-

POR SANTA RITA, 22-4-61

Graças a Deus! Já se trabalha muito e cremos que bem, em Santa Rita. Custou muito a por em trabalho esta complicada máquina, mas agora, se Deus nos ajudar, como esperamos, as coisas vão.

E assim, o nosso Morgado, de Loviã, lá anda com uma equipe de pedreiros a levantar o muro, outra equipa de carpinteiros lá anda às voltas com o altar de Santa Rita, que foi preciso refocar, para em breve ser doirado. Para a Semana, chegam aqui os pintores e no altar-mor vai pôr-se um quadro do Bom Pastor, atrás do sacrário, o que deve ficar muito lindo. Também outra equipa de fogo vai começar os trabalhos para a semana, a fim de o terraço novo ficar concluído, antes da festa e também para a semana devem estar aqui os artistas da Casa Fénix, Barreto, de Braga, para cobrir e fechar a casa da mesa.

Enfim, estamos em plena actividade e Deus nos ajude, repetimos, a fazer uma coisa que seja digna deste santuário.

As ofertas também vão chegando, umas grandes, outras pequenas, mas todas dadas com a melhor boa vontade para Santa Rita, que lá do Céu nos está a ajudar.

E assim: de José Gonçalves, da Seara, aquela casa sôzinha, no meio do monte sobranceiro a Santa Rita, de José Gonçalves, dizíamos, que agora se encontra em França, a trabalhar e é um pobre, mais 20\$. Oh! se tantos outros aprendessem com este rapaz...; do sr. Manuel Marques, de Cavaleiro Alvo, agora em França, mais 50\$00; do sr. Oliveira, de Oleiros, que na nossa terra se dedica a levar areia para as cons-

(Continua na 6.ª pág.)

«O MEU FICHEIRO»

(Continuação da 6.ª pág.)

a) — Os filhos do saudoso Alvaro de Sousa, do Vale, netos de Lucrecia das Doreas, bisnetos de Emília Carlota e trinetos do falado Diogo Luis Gomes de Sousa;

b) — Os filhos, netos e bisnetos de José Justino Gomes de Sousa (Relojeiro), filho de Matilde da Conceição e neto do mesmo Diogo Luis;

c) — Os filhos, netos e bisnetos de António Augusto Gomes de Sousa (Sapateiro), filho do mesmo Diogo Luis; e

d) — Os descendentes de Josefa Antónia Gomes de Sousa, que foi casada com José António Rodrigues de Moraes e era também filha do dito Diogo Luis Gomes de Sousa.

A casa e quinta de Malhagrilos, que foi daquele José Caetano Gomes de Sousa, mais leira menos leira, ainda lá está... mas na posse da sr.a Maria Francisca Alves e de sua filha sr.a Ana Rosa Bernardo, salvo erro, naturais de Fiães.

MÁRIO

mente couve-flor e bróculos), espinafres, ervilhas, feijões, melancias (x), melões (x), mostarda, pepinos (x), rabanetes e salsa.

— Nas terras de regadio, continua a plantação de batatas; semeia-se milho e feijão nas terras fundas; sulfatagem e enxofração nas vinhas e batatais, e nas hortas, frequência de regas e sachas.

— Nesta altura, é preciso vigiar os vinhos, tendo sempre à mão um anti-fermento em condições para os robustecer.

(x) Só nos primeiros dias do mês.

Maio hortelão muita palha e pouco pão.

S. Paio.

Partiu para Angola o nosso amigo sr. António Fernandes, da Veiga.

— Encontra-se na sua casa das Baratas o nosso Amigo Sr. Sampaio. Oxalá que passe estes dias com muita boa disposição e que venha por cá mais vezes.

— Começar, em as lavradas nas terras secas e as outras estão a ser preparadas.

— Os últimos franceses que se encontravam por cá regressam nesta semana.

— Estão a ser levantadas na Carpinteira mais duas lindas casas, mercê do dinheiro que vem de França.

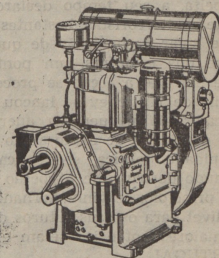
— Vamos ter brevemente um novo barbeiro para atender a grande freguesia.

— Informamos os nossos conterrâneos que o Grémio da Lavoura tem ao seu dispor um bom tractor que lhes poupará dinheiro nas lavradas.

— Esta freguesia aspira a que a luz eléctrica venha o mais rapidamente possível, pois estamos num tempo em que é preciso trabalhar para bem de todos, comunicando nos mesmos ideais nacionalistas.

— Pedimos a todas as pessoas devotas e crentes que destinem algumas das suas orações ao bom fim dos nossos empreendimentos em Angola. Assim seja. — C.

ARMSTRONG



MOTORES DIESEL ARMSTRONG

DE 6 A 33 CAVALOS ARREFECIMENTO POR AR ARRANQUE A FRIO SEM CIBARRO

CENTENAS DE MOTORES A TRABALHAR EM PORTUGAL LEVES - ECONÓMICOS - ROBUSTOS

Em todas as regiões do país temos motores cujos possuidores dão referências sobre o funcionamento, economia, etc.

ESCOL

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 510 - PORTO - TELEF. 24800

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 ( P. P. C. ) 7 linhas  
LISFOA Rua do Ouro, 95 — Telef. 26656 ( P. P. C. ) 5 linhas  
AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da  
BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

## À volta de uma causa suprema

(Continuação da 1.ª página)

mundo de poética ventura o Homem não podia já caminhar de olhos vendados, tal é a consciência aguda dos problemas — fundamentalmente humanos.

A opressão ou conquista pela força, sejam quais forem as dúvidas que se ponham, ou motivos de conveniência ou inconveniência que as classifiquem, não as tomaram. Restava um recurso, mais moroso, por certo, mas quiçá compensador pela eficácia que da sua aplicação resultaria — o da intromissão secreta, escorregadia e venenosa, nos terrenos alheios: pedras-base de um ataque definitivo. E agitar, convencer, fomentar, por diversos modos, lutas aqui e além, é a sua arma, a mais felina, a mais vergonhosamente adoptada — mas a mais mortal. É que com ela não se expõe demasiado (se a tudo os povos não esperassem). Manobrando as suas pedras, fá-lo por intermédio de outros, meendo-se por detrás de uma cortina de irresponsabilidade que, não sei porquê, por enquanto lhe convém.

E o monstro alonga-se, vagarosamente, atirando os braços para aqui e para acolá, animal das estepes, veneno do mundo.

Alheio a classificações que os meus escritos mereçam, quer sejam honrosas ou não para mim, não receio confessar-me dos que acreditam na oculta acção dessa mola central.

Não por comodidade de explicar nas minhas reflexões de homem uma fonte donde venham todas as águas; outrossim por inexperiência política que tenho, a mais não ser porque ainda não despi inteiramente as roupagens da adolescência nas quais estão concertada as ingenuidades e precipitações que a idade força, por vezes, ao erro; mas porque os acontecimentos mundiais de que a época recente tem sido fértil e que a rádio, a televisão, mesmo os documentários cinematográficos, os jornais, têm noticiado — por tudo se me vem clarificando uma certeza, creio que cada vez menos irrefutável.

É irrefutável o auxílio da Rússia para as lutas da China comunista. É irrefutável o apoio a Fidel de Castro, bem patente pelas afirmações últimas de um delegado soviético na O.N.U.. É irrefutável a propaganda comunista no Congo onde os panfletos traziam a fotografia de Fidel de Castro e suas barbas. É irrefutável a conviência de Fidel de Castro com o duo Galvão-Delgado por intermédio de Fernando Queiroga e Alberto Baio — cumplicidade que, pessoa insuspeita, a seu tempo declarou. É irrefutável que fazem parte de terroristas bastantes congoleses. — E tudo isto só pode levar à conclusão de que, pressuposta a cumplicidade entre uns e outros, um ponto único existe a prender a rede em que a acção se processa: a Rússia que, por intermédio de Krutchev se lançou numa guerra psicológica, desencadeando pequeninas guerras psicológicas (e que tem tido o cuidado de explorar ao máximo), a fim de desintegrar a unidade política, económica e social de um país — procurando destruir-lhe a coesão tão íntima, que, se já existia por princípio, se vinha tornando realidade segura e imprescindível para os seus futuros destinos; pois que causa inveja às maiores potências sejam elas orientais ou ocidentais — PORTUGAL.

Inesperadamente, o ataque urdido — ao longo de meses ou de anos — deflagrou, não com coerência mas em mordiscadelar espaçadas. Procura-se, a todo o custo, imiscuir a desordem, o terror, pelos meios mais obsoletos: construindo armadilhas, atacando traiçoeiramente, incendiando — a levar, por diante, as intenções devassas de um ódio que não tem justificações mesmo que tal quisessem apadrinhar os não sei se dignos representantes da O.N.U.. O mesmo ódio de que foi vítima o jovem, mas heroico piloto Nascimento Costa, o mesmo que abafou as vidas corajosas dos oito defensores do Norte de Angola, o mesmo ódio que derrubou os capitães Abílio Castelo da Silva, e Jofre dos Prazeres, 2.º sargento Francisco José Ribeiro, os cabos Agostinho Luís e José Martins Silvestre, e os soldados António José Cerejo, Manuel Santos, Anibal Gonçalves de Almeida e Manuel Serafim, e tantos e tantos anónimos que, se o são para os jornais — são igualmente heróis para a Pátria que os amou e lhes foi berço e que eles souberam defender com o mesmo esforço santo e heróico.

Não há dúvidas: que coroa estranha já ostenta a cabeça de cada português! Que coroa de sacrifícios e de actos de abnegação. Quantas vidas destruídas e, com elas, quantos sonhos, quantas esperanças macabramente fechadas.

E os Jornais, a Rádio, a Televisão continuam a noticiar. Temos assistido a muito e mais virá, por certo — para infelicidade nossa. Nem esboço-os quero. Mesmo que com tal quisesse eu apenas referir um como que esboçado esquema de estatística, simplesmente com o intuito de argumentar, sublinhar as perguntas que não sei de há quanto tempo

## SERA JUSTO?

Do ilustre universitário Abel Augusto Vaz recebemos uma carta em que nos pede a rectificação de algumas gralhas, que saíram no seu artigo intitulado «Será justo» do número passado.

Gostosamente o fazemos.

«No penúltimo parágrafo da 2.ª página deve ler-se: «...é ainda forçoso galgar a encosta, a pino, dum monte desamparado...».

Na 3.ª página vê-se, no princípio da 1.ª coluna e no fim da 3.ª, socegado e socego, respectivamente por **sosegado** e **sossego**.

Deve ler-se ainda, no antepenúltimo parágrafo da 1.ª coluna da 3.ª página, «...de quem não quer ralar-se...» e no parágrafo seguinte, entre parêntesis, «**superiormente autorizada**».

## PARADA DO MONTE, 26.

Deu à luz uma criança do sexo feminino a s.ra Isaura Afonso, esposa do sr. José Esteves, do lugar do Chão de Bezorro.

— Regressaram aos seus estudos todos os estudantes desta freguesia que vieram passar as férias da Páscoa com suas famílias.

— Tem chovido abundantemente nestes últimos dias, o que tem transtornado bastante as lavouras. O mês de Abril tem ido como nos tempos antigos. — (C.)

me bailam no espírito, em travo amargo:

É ou não verdade que o momento é grave?

É ou não verdade que os meios usados pelos nossos inimigos, são os mais obsoletos possível?

É ou não verdade que a nossa defesa devem acorrer imediatamente o esforço e a vontade de todos os portugueses?

Se há perguntas com respostas certas e de verdade estas são flagrantes.

Querem derrubar-nos com argumentações que, em positivo, nada justificam como, de resto, nada justifica esses hediondos ataques de que temos vindo a ser vítimas e cada vez mais se intensificam. Argumentações em nome de uma **Independência** por indivíduos alheios ao território africano. Argumentações de **Liberdade** postas por quem arvora bandeiras de vermelho retinto — o mesmo, portanto, que dizer: indivíduos que perfilham ideias que são a negação pura e simples desses sentimentos. Se os pedem, é porque ainda os não conheceram... E isto somente porque não acreditam na sua existência.

Oh, humilhantes contradições do Homem!

É para esses que vão as últimas palavras, repassadas de amargura, mas de fé que nunca como agora me ilumina as minhas paredes mais íntimas:

A África pertence-nos. A nós portugueses que primeiro a conhecemos, a desassombamos, a recriamos, a civilizamos e no fim a expusemos bela e gigantesca aos olhos dos povos. É uma pérola do nosso esforço de séculos que tem, em si própria, no mais fundo de si mesma o perfume espiritual de tudo o que é português. Na sua base e no seu seio. Portugal é ali, como na Metrópole.

Não há mar que os separe, não há clima que os diferencie. Há um esforço missionário que penetrou todos os cantos, que transformou corações selvagens em corações portugueses. Esforço maior que o mar, que anula fronteiras e dissipa intenções rebeldes ou subversivas. O mesmo esforço que criou escolas, liceus, que desbravou terras, que abriu portos, que gerou edifícios.

Por outro lado, nenhum país ministrou tão bem as suas forças espirituais e de governo como o nosso. Por todas as suas partes, sem diferença entre território soberano e colónias; de corpo para possessão. Porque na Metrópole como no Ultramar é sempre Portugal.

Querer dividi-lo, é simples ingenuidade, mas propositada ingenuidade — por conseguinte, malévola.

Não. Temos que nos unir ainda mais já que temos a consciência crucial de uma mesma causa que a todos abrange.

Esqueçam-se ao menos por agora as cores políticas que nos vestiram diferentemente, a diversidade dos credos que professamos, as castas e as idades. A defesa da nossa integridade, desse abraço total, quente e fraterno, que a todos une e que não pode ser consentâneo com o ódio vesgo, dos que são mais do que assassinos, declaradamente traiçoeiros.

Porque só deste modo vencemos.

O contrário é a derrota. O que equivale a dizer, perca de uma oportunidade para, vencendo, darmos a maior lição que a história dos povos conheceu.

Melgaço, 61.

## Estão à venda

### os seguintes prédios

#### 1.º Grupo

#### CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ

Prédios situados nas Freguesias de Vila Fonche, Rio Frio e Parada.

1.º) GLEBA DE MATO no monte da Tomada, em Tourim, formada pelos prédios, descritos no Registo Predial sob os números 48.967, 58.376 e 58.377 e inscrita na Matriz no artigo rústico 286, situada na Freguesia de Vila Fonche.

2.º) GLEBA DE MATO no monte da Tomada, formada pelos prédios descritos no Registo Predial sob os números 47.445 e 48.700 e inscrita na Matriz no artigo rústico 291, situada na Freguesia de Vila Fonche.

3.º) GLEBA DE MATO no monte da Tomada, formada pelos prédios descritos no Registo Predial sob os números 48.966 e 49.394 e inscrita na Matriz no artigo rústico 299, situada na Freguesia de Vila Fonche.

4.º) GLEBA DE MATO no monte dos Cancelos, em Tourim, a confrontar do nascente com Miguel Silveira, poente com Maria Rodrigues e outros, do norte com Caminho e do sul com José Pinto, inscrita na Matriz no artigo 246, situada na Freguesia de Vila Fonche.

5.º) TOJEIRA DOS CHARRAIS ou da Corte de José Maria, no lugar de Cachamundinho, descrito no Registo Predial sob o número 40.684 e na Matriz no artigo rústico 4.211, situada na Freguesia de Rio Frio.

6.º) CAMPO DA ERVO-SA, terreno de cultivo com ribada de mato, no lugar do Ribeirão, a confrontar do poente com a estrada e dos outros lados com ribeiros, descrito no Registo Predial sob o número 393, compreendendo também o prédio descrito no mesmo Registo sob o número 39.755 e inscrita na Matriz no artigo 25, situado na Freguesia de Parada.

7.º) FORMAL DE MATO, na Chã de Campelo, em Tourim, a confrontar do norte com bens da Junta de Freguesia e dos lados com o Doutor António Cândido Marques da Silva Dias, descrito no Registo Predial sob o número 386 e inscrito na Matriz no artigo rústico 105, situada na Freguesia de Vila Fonche.

#### 2.º Grupo

#### CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ

Prédios situados na Freguesia de S. Vicente de Távorã

(Continua na 5.ª pág.)

## Por terras de França

(Continuação da 2.ª página)

vieram bastantes e alguns ficaram... Alguns ficaram, conhecidos, amigos... Que pena!

Bonito: — um bom grupo de rapazes preparava-se para ir ao ensaio duma missa, já que em breve ali havia de chegar um Sr. Padre português, para o efeito. E que bela disposição. Oh! os valentes rapazes de Portugal, que não deixaram cair ao chão a sua fé. Se todos fossem assim!

\*\*\*

Já mais adiante, vimos outros rapazes, outros rapazes da nossa terra, e como eu faria bem, se lhes beijasse aquelas mãos que tanto trabalho fazem, depois duma aventura horrorosa, por essas terras fora.

Estavam ali rapazes que julgamos perdidos. Ali, depois de tanto sofrimento. E contavam-me que alguns deles, a cerca de 150 quilómetros de Paris, foram procurados pela Polícia, ajudados por cães especializados. E tiveram de internar-se em florestas, a aguardar e rezar. A fome, os sofrimentos que passaram... Oxalá venha logo o dia em que seja mais fácil a saída de Portugal para o estrangeiro.

Como eles pediam ansiosamente que, se tivesse possibilidades, levasse a Quem de direito, a sua situação, o que sofreram e fizesse todo o possível, por que uma nova anistia lhes viesse trazer a alegria de voltarem sossegados a suas casas.

Somos prisioneiros, Sr. Padre. E nós só queríamos trabalhar em paz.

Como aqueles rapazes saudavam a sua terrinha natal, como eles falavam das suas mães, de seus pais, de seus irmãos!

Nunca será demais agradecer ao Governo as duas amnistias que concedeu, para ajudar estes rapazes e estamos certos de que, se for possível, algum dia, estes problemas de emigração voltarão a ser considerados.

•••

O Lau, o Sérvio, de Lamas, que parecia já rotundo, tão nutrido estava e outros, outros. E contavam-me a sua vida, a um sacerdote da sua terra, que alguma coisa tem feito pela sua sorte, junto das Entidades oficiais. Que já estavam a guardar uns 60\$00 por dia, para enviarem às suas terras. Em Clermont, paga-se menos.

Eu não pude visitar a todos e ficou-me muita pena de não abraçar o José Rodrigues. O Rodrigues, tão meu amigo e tão bom rapaz.

Era já noite, quando chegamos a casa do Esteves. A refeição decorreu no mesmo ambiente de carinho e de alegria. E eu sentia-me na minha própria casa.

•••

No dia seguinte, 13 de Agosto, levantei-me, tomei o almoço e vim a caminho da estação de Clermont, na moto fidelíssima e ligeira do Esteves.

Despedimo-nos.

Meu caro Esteves, meu caro Meleiro, como me ficastes na minha alma. Eu que fui a França, com tanta dificuldade, velho bordão na mão, a pedir, feito mendigo de Santa Rita, como vos fico a dever tantas finezas. Adeus, Esteves, de Chaviães, Soares de Lóvió, adeus rapazes desta linda terra de Clermont. Adeus, todos.

•••

Fui tomar o meu lugar no comboio. E quando o procurava, fiquei surpreendido ao ouvir falar português... Iam ali uns 5 rapazes, muito tristes.

Olhavam muito para mim e eu para eles.

Dirigi-me a um e perguntei: são portugueses?

— Somos. — Donde? — E o mais velho, um homem simpaticíssimo, responde: eu de Melgaço, de Remoães, da Salsa. Pois eu sou também de Melgaço.

Abraçamo-nos e conversamos. Iam para Vichy.

O meu conterrâneo disse-me: beije a minha mãe, sem lhe dizer para onde vinha. Não tive coragem de me despedir dela. Mas estamos aqui prisioneiros. Não podemos ir ver os nossos filhos. E todos me perguntavam quando seria possível ir a Portugal tranquilamente.

Que pena estes rapazes me fazem.

Um deles era de Famalicão e fala-me do meu antigo aluno no Seminário, o Sr. P.e Aviz. É muito esmoier, Sr. Padre. O bem que ele faz...

Pelo caminho, pastagens, vedações de arame farpado, campos de verdura e gado bovino branco, de proporções avantajadas.

Ia já próximo das 10 horas e vinham aparecendo lugares já conhecidos. O Merim... Por onde estará aquelas horas o António Merim, o meu "cônsul", o meu amigo, naquelas paragens de Le Creusot?

10 horas. Le Creusot.

P. CARLOS

## Prado, 25

(Continuação da 2.ª página)

Então não seria melhor com o dinheiro esbanjado reparar aqueles caminhos, cujo estado actual desconheço, mas que não deve ser melhor do que o que apresentavam em 1935, quando pela última vez ali passei para ir à Cala visitar o meu falecido amigo Manuel Joaquim Pires, o «Rexas», uma das figuras principais do romance «Chama que Renasce», do rev. Cônego A. Luís Vaz, a cuja vida puseram termo as húmidas águas do Trancoso no ano seguinte?... Pois não seria?...

Eu não sei... mas tenho para mim que neste pobre mundo anda tudo maluco, torto e desafinado. Até naquele «virtuoso» aréopago por ironia chamado a O.N.U., onde no pretérito dia 21 um grupo de mandriões... perdão, um grupo de mandões, incluindo o nosso respeitabilíssimo amigo... de Peniche, Unche Sampele muita inveja que nos tem, se fartou de mentir como quantos dentes tinha na boca.

O meu pobre Mundo, como tu andas!!!!

•••

Com curta demora, estive nesta freguesia o nosso muito amigo sr. Martins Lourenço, chefe da P.S.P. do Porto, aposentado, e funcionário da «Agência Abreu» da referida cidade. Grato pelo abraço amigo que me deixou ficar.

—Chegado da Índia, onde estive em missão de soberania, está entre nós o sr. António Rodrigues Afonso, filho do sr. António Joaquim Afonso e da sr.a Hebraina Judite Rodrigues, do Cerdado. Muito boas vindas.

—Também em missão de soberania, acaba de embarcar para Angola o sr. Manuel José Gonçalves do Souto, filho do sr. José Arlindo da Cruz do Souto e da sr.a Carolina Rosa Gonçalves, de Bouça Nova. Que Deus permita que vingue o mais possível daquelas pobres vítimas imoladas ao furor selvático das hordas terroristas e no-lo traga são e salvo dentro em breve ao nosso convívio.

—Retiraram-se para Lisboa, e não para Vigo, como por loppo noticiou, o sr. António Augusto Gomes de Sousa e esposa.

—E também para Lisboa, onde foram vender um prédio comum, seguiram hoje os nossos amigos sr.s Amadeu Augusto Rodrigues e seu primo António Gonçalves Pereira (Toncas). —C.

## Societade

(Continuação da 2.ª pag.)

simante e digno soldado da C.F. sr. João António de Barros Henriques, respectivamente, esposa e filha do sr. eng.º Fernando Vendrel de Barros Henriques, residente naquela província ultramarina. Os nossos cumprimentos de boas vindas.

ARCIPRESTE CONCE-LHIO — Para fazer retroceder a assim poderem voltar para junto de seu marido e p.i. espiritual num convento de religiosos, partiu, no pretérito dia 24, para Orensé, o rev. Arcipreste

PARA FRANÇA — Se Espanha, o rev. Arcipreste guri, há dias, para França deste concelho e digno Provedor da S.ª Casa da Misericórdia de Abreu, senão dia, sr. P.e Carlos filho do nosso estimado sr. António Vaz.

## Estão à venda os seguintes prédios

(Continuação da 4.ª página)

1.º) BOUÇA OU MONTE DE ROÇO, no Coto, a confrontar do norte com Manuel de Amorim, do nascente com António Gomes Varejão, poente e sul com Luís Amorim, inscrito na Matriz no artigo 1 rústico 338, situada na freguesia de S. Vicente de Távora.

2.º) FORMAL DE MONTE DE ROÇO, na Algeira, no Coto, a confrontar do norte com António Gomes Varejão, nascente com Francisco de Amorim, sul com Inácio de Amorim e poente com José Maquiel Cardoso, inscrito na Matriz no artigo rústico 1345, situada na Freguesia de S. Vicente de Távora.

3.º) LEIRAS DE CUL-TIVO, no Coto, a confrontarem do norte, em ponta aguda, com ribeiro, nascente com o ribeiro, poente com a levada e do sul com Manuel Bento de Amorim, descritas no Registo Predial sob o número 132.728 e inscritas na Matriz no artigo 376, situadas na Freguesia de S. Vicente de Távora.

4.º) LEIRAS DE CUL-TIVO com Vinha, nos Currais, no Coto, a confrontarem do norte com Manuel Bento de Amorim, do nascente e sul com José Pereira de Amorim e do Poente com caminho público, descritas no Registo Predial sob o número 959, e na Matriz no artigo 379, situadas na Freguesia de S. Vicente de Távora.

5.º) LEIRAS DE CUL-TIVO, no Espinhal, a confrontarem do norte com António José Gonçalves, do nascente com José Manuel de Barros, do sul com António Pereira e poente com o ribeiro, descritas no Registo Predial sob o número 958 e inscritas na Matriz no artigo rústico 637, situadas na Freguesia de S. Vicente de Távora. Falar ao Sr. Eng.º Cardoso Bispo

R. Santo António dos Capuchos — Lisboa.

## MAGNÍFICA QUINTA

VENDE-SE, DENTRO DA CIDADE DE BRAGA (A 900 METROS DA ESTAÇÃO DA C. P.). DA TRINTA PIPAS DE VINHO (PREPARADA PARA DAR MAIS) E OITO A NOVE CARROS DE PAO. MONTE DE MATO LIGADO. TODA MURADA DE NOVO. ELECTRICIDADE. AGUA ABUNDANTÍSSIMA. GRANDE ADEGA, CASCARIA DA MELHOR, CORTES, COBERTOS, CASA DE CASEIRO E SENHORIO (ESTA, CONSTRUÇÃO ANTIGA), FRUTEIRAS PLANTADAS RECENTEMENTE. MEIA PIPA DE AZEITE. CASTANHEIROS, ETC. INFORMAÇÕES COM O DIRECTOR DO NOSSO JORNAL.

GENTE E COISAS  
DE  
"O MEU FICHEIRO"

UMA INFORMAÇÃO... TARDIA, E POR ISSO MESMO  
TALVEZ JA DESNECESSARIA

Há cerca de dois anos, um cidadão brasileiro de apelido **Gomes de Sousa** deslocou-se a Melgaço, a fim daqui apurar da ou não existência de parentes seus, pois ele, lá em terras de Santa Cruz, ouvira dizer a seu falecido pai que seu avô, Joaquim Gomes de Sousa, era oriundo deste concelho; e, sobre o caso, mais não sabia. Só com tão vagos e ténues elementos... dirigiu-se onde menos o podiam informar: — ao Registo Civil, quando se tem batido à porta do Rev. Arcipreste concelhio e lhe tem pedido uma carta-circular para todos os párocos que no concelho tem cura de almas, lida a mesma carta à missa conventual, era certo e sabido que esta sua diligência obtinha êxito completo, pois não falta em Melgaço quem lhe pudesse dar notícias do tal Joaquim Gomes de Sousa — aliás **José Joaquim Gomes de Sousa**.

Ora eu só tomei conhecimento desta diligência uns oito meses mais tarde, por intermédio do meu velho amigo sr. Raúl Gomes de Sousa que manifestou desejo de saber se em "O meu Ficheiro" constava algo que se relacionasse com o caso. Procurei, pois, e, de facto, na cota N.º 5653, leio: "Sousa — José Joaquim Gomes de — idem, nasceu em 1845, foi admitido na Confr.ª das Almas de Prado em 27-12-1874, emigrou para o Brasil, lá casou, houve geração e a partir de certa data nunca mais deu notícias suas".

Mas, afinal, quem era, donde era e de quem era este José Joaquim Gomes de Sousa? Eu explico já:

**José Caetano Gomes de Sousa**, "f.º de Maria Josepha de Malhagrilos" e sobrinho do P.e Diogo Luís Gomes de Sousa, da Barronda, Prado, vivia naquele lugar de Malhagrilos em 1831, porquanto em Agosto deste ano foi admitido na Confraria das Almas da sua freguesia. Vivia ainda no mesmo lugar em 1837, mas já casado com Vicência Rosa Ferreira, pois neste ano era ele o regedor da freguesia da Vila e suas anexas, e ainda ali vivia em 1867 a exercer o cargo de juiz eleito substituto pela freguesia de Prado. Ele deve ter falecido pouco depois desta data, e do seu casamento topo-lhe a seguinte prole:

**Maria José** — nasceu em 1836 e casou com Manuel José de Caldas, salvo erro, filho do cirurgião de Real. É hoje seu representante, pelo menos, seu neto sr. Manuel José de Caldas.

**Ponciano** — idem, nasceu em 1838, casou com Leopoldina Rosa Fernandes, filha do alfaiate Custódio Luis Fernandes e de Maria Benedita Fernandes Torres. Em 1910 já era falecido, e é hoje sua representante a filha sr.a Maria Xavier Fernandes Pinheiro, de Santo Amaro.

**Joaquim Rosa** — idem, nasceu em 1840, casou com Victorino José Domingues Salgado (Grovas), filho de João Luis Domingues Salgado e de Ana Delfina Fernandes Torres. Em 1910 já era falecida, s. g.

**Miquelina Rosa** — idem, nasceu em 1842, casou com Lourenço Bernardo de Sousa Palhares, filho de Lourenço Manuel de Sousa Palhares e de Maria Joaquina Lourenço, enviuvou em 13-12-1910 e faleceu em 4-3-1929. São hoje seus representantes suas netas sr.as D. Albertina dos Prazeres Rodrigues Silva e D. Rosa Hermínia Rodrigues Pereira e seu neto sr. Claudino Augusto Rodrigues.

**José Joaquim** — idem. É o tal que emigrou para o Brasil e lá faleceu.

**Emília Rosa** — idem, foi admitida na Confr.ª das Almas em 8-3-1885 e... perco-lhe a pista; mas sei que morreu solteira, s. g.

Os representantes nomeados é que são, pois, os parentes directos e mais chegados do sr. **Gomes de Sousa** que do Brasil veio a Melgaço em busca dos mesmos. Note-se que só disse dos mais chegados, pois em grau mais afastado toparam-se-lhe mais duma centena, a saber:

Em primeiro lugar os filhos e os netos dos representantes citados, e em segundo lugar os descendentes de Diogo Luís Gomes de Sousa, do Granjão, sobrinho, homónimo e co-herdeiro daquele padre da Barronda, e... um amigo da estúrdia de primíssima água, que com uma facilidade de espantar pôs em pantanas a conhecida e fertilíssima quinta da Barronda, cujos descendentes são:

(Continua na 3.ª página)

"Crónica de Paços"...

(Continuação da 2.ª página)

do de mais de cinquenta fogos tem de ir quase todos colher água à fonte de Maréco, distanciada do lugar uns trezentos e tal metros. Não ficaria bem neste lugar, já não digo mais, mas ao menos dos fontanários?...

E quem fala nestes lugares que são os mais populosos da freguesia, fala em todos os outros que mais ou menos carecem do mesmo benefício. Conheço uma freguesia do monte bastante humilde e bastante atrasada, pois a maior parte das casas são cobertas de cômo. E' uma freguesia toda unida a um só lugar, e sabem quantos fontanários tem a servir-lha? Nada mais e nada menos que doze fontanários, fóra os velhos que já existiam. Porque será?...

Ora bem, nós temos muito a fazer a este respeito, e a respeito de lavadouros ainda é pior o estado em que nos encontramos. E se não vejamos: no lugar do Outeiro existe um só lavadouro, e este tem de fundo nada mais de 40 centímetros e de largo talvez um metro (por dois de comprimento). Será um lavadouro suficiente para poder lavar? E', e tem de ser. E' por isso que às vezes as doenças surgem. Não será isto um desafio à saúde pública? No meu parecer a água devia ser cem vezes mais do que a própria sujidade. Isto no lugar do Outeiro. E se formos aos outros lugares é a mesmíssima coisa. Por exemplo o lugar de Sá é um dos lugares mais populosos e tem um lavadouro com as mesmas medidas que o do Outeiro. Não será isto um desmazelo por parte dos habitantes e de pois por parte das autoridades desta freguesia?...

Pois bem: Haja quem se interesse pelo bem desta simpática aldeia que também tem sabido cumprir nas horas boas como nas horas de perturbação, os seus deveres de patriotismo, e que também tem servido as justas causas do nosso concelho.

Estou certo que estas muitas considerações não cairão em saco fôto perante as autoridades concelhias que tam bem têm acunhado os problemas que lhe dizem respeito. Portanto peço à Ex.ma Junta e demais autoridades desta freguesia, para que este meu apêlo seja posto em causa perante as autoridades de quem de direito. Um assinante.

A. M. S.

POR SANTA RITA

(Continuação da 3.ª página)

truções de casas, 20\$00 (outro rapaz que vive com muita dificuldade e tantas vezes ajuda a Santa Rita...); do sr. Manuel Fernandes, da Costinha, mais 15\$00; da sr.a Maria de Oliveira, da Carreira, mais 40\$00; do sr. Manuel Fernandes, guarda-florestal, em Tieiras, mais 100\$00; do sr. Sargento António Augusto Táboas, 500\$; do sr. Tesoureiro, mais 984\$00; do sr. José Eduardo de Abreu do Passo, 292\$50 e do menino, que, se mais pudesse mais daria, Manuel José da Costa, da Pombreira, 20\$00. Uma anónima, 30\$00 e da sr.a Maria de Jesus Durães, de S. Paio, 100\$00.

Graças a Deus!

E agora vamos-nos preparando para a festa que é já no dia 22 do próximo mês de Maio.

Deve ser muito linda e todos faremos o possível por que ela decorra, segundo os desejos de Santa Rita. Uma festa em honra dos santos deve reflectir o nosso respeito para com Deus.

Vamos pois todos a Santa Rita!

Há tanto aqui a fazer... É tão pouco o tempo de que se dispõe...

Já está pronta a planta para o pavilhão dos pobres, com doenças incuráveis.

É uma obra que faz falta por aqui. Doenças incuráveis, daquelas que retêm o enfermo meses e anos ligado à sua pobre cama, a sofrer. Quantos que não tem ninguém a acudir-lhes, a valer-lhes. E, se fosse possível fazer-se outro para crianças anormais? Enquanto estas vivem com os pais, não lhes faltará o carinho possível, mas depois da morte dos pais? Seria possível construir-se outro pavilhão para elas? E a sustentação de tudo isto?

É uma pergunta delicada, é, mas se tivermos fé em Deus e se tivermos desejos de colaborar com Ele, nesta obra de amparo àqueles nossos irmãos desamparados, nada nos faltará. Se tivéssemos fé...

Vem pois, meu amigo, à festa. Trás o teu ôbulo.

Não olhes para o que está ao teu lado. Olha para Santa Rita, olha para Deus e ajuda-nos. Se todos ajudarmos, depressa chegaremos ao fim...

ROUÇAS, 22 DE ABRIL

Para a cidade de Angola, partiu o nosso conterrâneo, Manuel Inácio Durões, de Cavaleiros, que em Viana do Castelo, era muito digno Subchefe da P.S.P.

Sabemos que o nosso querido Amigo se encontra animado da melhor disposição e esperamos em breve verlo entre nós, depois de cumprida, com zelo, a sua arriscada missão.

—Está para breve o casamento do nosso bom amigo e colaborador, Manuel José Gonçalves, da Costinha, com a prendada menina Prazeres de Oliveira de Jesus, da Oliveira do Bairro. Desejamos-lhes muitas felicidades. O casamento realiza-se em Almada, onde ambos trabalham.

—Na nossa igreja, foi baptizada uma menina, a quem foi posto o nome de Maria da Conceição, filha de Manuel José Rodrigues, de Surribas, e de sua esposa Célia Penurias Milho. E no dia 16, outra menina, a quem foi posto o nome de Maria Fernanda, filha de Alvaro Alberto Alves e de sua esposa, Maria Alice Pires, do lugar de Cabreiros. Aos recém-baptizados, muitas felicidades em N. Senhor. E a seus pais, muitos parabéns.

—Todos os nossos emigrantes, que aqui estavam a passar as suas férias de inverno, já regressaram a França, para recomeçar os seus trabalhos.

—Já se lavra intensamente as terras e ultimamente tem caído bastante chuva.

—Para Angola, partiu o nosso conterrâneo, soldado Carlos Gonçalves de Sobral de Cima. Que faça boa viagem e que logo volte a sua casa, depois duma missão bem cumprida, como se espera.

—Para a Régua, retirou, com sua esposa, o nosso bom amigo, sr. Martins, distinto funcionário do tribunal daquela comarca. E no lugar da Igreja, encontra-se, desde há dias, o nosso amigo, sr. Hilário, em serviço na guarda-fiscal em Leixões.

—Tem estado doente o sr. José Lourenço, da Carreira, a quem desejamos rápidas melhoras.

—Melhorou de saúde a sr.a Rita, da Vinha de Cima. —C.

# a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:  
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO — XIV — N.º 233

Melgaço, 15 de Maio de 1961

## A atitude dos Estados Unidos

### E A REACÇÃO DOS PORTUGUESES

(Atrasada na redacção)

A atitude dos E. U. e do seu picaresco delegado Stevenson na ONU — a incongruência e a incompetência personificadas —, votando ao lado da Rússia e contra Portugal, provocou a mais veemente indignação nos portugueses de todas as latitudes e credos. O caso não é para menos. Como se poderá compreender tal atitude, se a Rússia é o inimigo n.º 1 da Civilização Ocidental e de todas as liberdades, e a grande Nação Americana sempre se disse defensora dessa civilização e dessas liberdades?

Decididamente o sr. Kennedy está a ser péssimamente servido, ou, então, não sabe mandar servir... Nas escassas semanas do seu mandato já fez mais pela Rússia e pelo Comunismo internacional, do que todos os Comunistas, nos E. U., durante décadas.

A reacção dos portugueses ante a insólita atitude saiu, desta vez, do íntimo para a rua. E, assim, em Lisboa e no Porto, frente à embaixada e o consulado americanos, grupos numerosos de manifestantes ergueram dísticos de protesto como «Fora dos Açores!», e foram colocar fardos da palha com o indicativo de ser para o Stevenson.

Que tão triste exemplo de falta de respeito pelos direitos de um dos mais gloriosos e dignos países, sirva para unir, ainda mais, os portugueses de todo o Mundo!

### VITIMAS INOCENTES

#### DO BANDITISMO INTERNACIONAL

Os últimos e dramáticos acontecimentos de Angola constituem mais um «aviso» para os políticos do Mundo Ocidental. A quadrilha de bandidos não assaltou, desta vez, casas de reclusão e quartéis de polícia. Assaltou, sim, pela calada da noite, como costumam fazê-lo os lobos esfaimados que descem ao povoado, fazendas do interior, onde centenas de europeus, colonos e técnicos, com suas famílias, se entregam diariamente ao labor pacífico e nobre de arrancar da terra o necessário à vida. E ao verificarem os terroristas, que os próprios negros, ao lado dos brancos, defendiam as propriedades e as vidas dos seus patrões, logo lançaram fogo às aldeias dos nativos, destruindo-as por completo.

E assim que os bandoleiros ao serviço da Soviética «libertam» os povos que dizem querer tornar independentes... Espalhando o terror, a devastação e a morte, eis o processo que a ONU parece desejar estabelecer em Angola e nas outras Províncias do Ultramar português. E se o não deseja, pelo menos estimula a que o façam.

E havemos nós, portugueses, de continuar a pertencer a um organismo que falhou na sua missão, pois deixou de respeitar a verdade, a justiça, o próprio Direito internacional consignado na Carta?

Mulheres e crianças indefesas foram, agora, vítimas do canibalismo internacional.

Quando se levantou em defesa de tais inocentes vítimas, a consciência de todos os Homens livres do Mundo Civilizado?

Que, pelo menos, os Portugueses da Metrópole saibam, mais uma vez, ser solidários com a adversidade que atingiu numerosos Portugueses do Ultramar. E, assim que cada um, consoante as suas posses e a sua generosidade, não deixe de marcar presença na Campanha Nacional de Auxílio às vítimas do terrorismo internacional que escolheu, para arena das suas ferocidades, a nossa querida e portuguesíssima Província de Angola!

## Vítimas de Angola

Do Presidente do Grémio da Lavoura recebemos uma notícia a solicitar aos melgacenses que enviem, com grande generosidade, donativos para as vítimas de Angola, que o Grémio recebe e envia a quem de direito.

## Campanha

### A FAVOR DAS VITIMAS DO TERRORISMO DE ANGOLA

Um grupo de Senhoras da nossa Vila, interpretando o sentir unânime de todos os portugueses da Metrópole, está a trabalhar no sentido de organizar donativos (dinheiro, roupas, remédios, etc., etc., pois de tudo se precisa), a fim de auxiliar as vítimas do terrorismo em Angola.

Cremos que todos os Melgacenses, cónscios da gravidade do momento e irmanados nos mesmos sentimentos de solidariedade cristã, saberão corresponder ao apelo da Nação.

E que todos dêem, na medida do possível, e sobretudo aqueles que, nos últimos anos no Ultramar ou na Metrópole, fizeram riqueza ou aumentaram consideravelmente os seus haveres.

Nós confiamos...

## Carta de Alrobaça

Ex.º Sr. Director:

Com os meus respeitosos cumprimentos, peço desculpa a V. Ex.ª em vir ocupar este pequeno espaço do nosso querido jornal, e, que tantas vezes é necessário para tratar de assuntos de tanto interesse para a nossa querida terra natal, que é Melgaço.

Mas, acredite Sr. Director, que não é a V. Ex.ª que eu me venho dirigir mais directamente, mas sim para alguém de boa vontade que compreenda o meu pedido, e, que tome a seu cargo a

(Continua na 4.ª pág.)

## Desfazendo um equívoco

Porto, 30-4-961

Ex.º Sr. Director

Recebendo eu protestos, aparentemente de vários pontos desse Concelho (e digo «aparentemente» pois os postais onde foram lavrados, trazem,, todos eles, o carimbo do correio de Monção — por que não o de Ganfei? — e não só a mesma letra como a mesma data...) protestos esses nos quais se afirma ter eu dito, no meu programa último, na T.V., sobre o folclore de Monção, que «o Alto-Minho começava em Valença e acabava em Monção» venho, com os meus cumprimentos, solicitar a publicação da presente carta, no Jornal que, superiormente, dirige, a fim de pôr cobro a um mal entendido, quando não a uma campanha possivelmente malévola.

Acredite, Sr. Director, que nenhum ressentimento me move, ao formular tal pedido. Nada me poderia desvanecer mais do que uma reacção sincera da parte do Povo dessa formosíssima zona (a qual pela seriedade da sua paisagem dá ao Alto-Minho categoria excepcional!) pois vir-me-ia provar a que ponto o meu nome era, aí conhecido e o meu parecer (bom ou mau) tido em conta. Honrar-me-ia, portanto, sobremaneira, semelhante oposição, embora fundada em palavras que, na realidade, eu não disse...

Ao falar, na T.V. da dança de Monção, executada pelo notável grupo folclórico «ROCONORTE» tive a seguinte frase:

«Este Bate-Certo não é mais do que um malhão, malhão do Alto-Minho da região que vai de Monção a Valença».

Agora, pergunto eu: — Que outra coisa poderia eu ter dito se, evidentemente, debaixo do ponto de vista coreográfico, há o Alto-Minho da região que vai de Monção a Valença, como há o Alto-Minho que vai de Monção a Melgaço e o de Paredes de Coura aos Arcos, etc.?

Nada me custaria, contudo, desfazer, a título elucidativo, qualquer má impressão por mim causada a um outro espectador melgacense (e desfazê-la, até nos Estudos da T.V. durante um dos meus futuros programas!) se, efectivamente, em Fevereiro de 1960 eu não tivesse aberto o programa sobre o admirável Grupo folclórico de Taião (Valença do Minho) nestes termos:

«riqueza coreográfica do Alto-Minho está patente na diversidade de zonas em que o seu folclore se divide a saber:

A de Castro Laboreiro e a que vai de Melgaço até Valença, seguindo-se-lhe, para o Sul, as de Vila Nova de Cerveira (aldeia de Gondarém e Serra do Sôpo) Vale do Coura (tendo por centro Covas) Serra de Arga, (Dem, Cerquido, S. Lourenço da Montaria, Argas e Estorãos) Afife e Carreço, Viana do Castelo (Maceda, Perre e Santa Marta de Portuzelo) Arcos de Valdevez (compreendendo o Soajo) e, regressando ao ponto de partida, Paredes de Coura».

Mas há mais:

Em Outubro passado, ao apresentar, na Televisão, o famoso Grupo folclórico Camponês de Bico (Paredes de Coura) comecei por dizer:

«Ao estudarmos o Alto-Minho, sob o aspecto coreográfico, teremos que o dividir em duas zonas, a saber: a do Litoral e a do Interior. Pertencem à primeira dois concelhos, apenas: o de Caminha e o de

(Continua na 4.ª página)

## Prado, 10

OSSOS DO OFÍCIO... — O "PASSARO AZUL"  
— FESTAS — OUTRAS NOTÍCIAS

Quicá pela incomensurável generosidade do sr. Tipógrafo, no último número, e na "entrada" à carta desta freguesia — Verdades como punhos — poisaram gralhas em barda. E, daí, pensando melhor... pode muito bem ser que tenha sido eu o culpado, pois a minha caligrafia, num crescendo assustador, vem-se tornando de forma tão arrevezada que muitas vezes nem eu próprio entendo aquilo que escrevi. Fruta do tempo...

Mas seja, porém, como for. O meu Leitor revista-se de paciência e com geitinho tente metamorfosear toda aquela gralhada para vernáculo; mormente aquelas águas húmidas em túmidas, ou sejam voluosas, e o Unche Sam em Uncle (tio) Sam, que é o tipo representativo do Governo ou dos cidadãos dos Estados Unidos, e cujo nome é uma explicação jocosa das iniciais U.S.Am, que designam os Estados Unidos (United States America).

Ora, dito isto, façamos votos para que não saia pior a emenda do que o soneto...

Sempre com grande assistência de observadores, esteve aqui, no pretérito dia 5, a lavrar dois campos da "Quinta da Serra", o "Passaro Azul" (o tractor do Grémio) cujo serviço é indubitavelmente mais rápido e melhor feito, já que a lavra fica mais aprofundada e a terra bem removida. Isto, bem entendido, é uma opinião puramente pessoal, pois foi o que se me afigurou; no entanto, quem melhor e com mais autoridade poderá falar no assunto são os respectivos utentes. Pois não é assim?...

Agora uma coisa que eu lhes posso garantir, sem temer o desmentido de quem quer que seja, é que entre um boi e aquele tractor há uma pequena diferença... e é ela que enquanto o primeiro come quando está parado ou em descanso, o segundo come quando anda ou trabalha. E só...

Lá porque estamos em guerra não é isso motivo para que se deixem de realizar as tradicionais festas religiosas, nem motivo é para que o povo não vá a elas a fim de se distrair e distrair seus nervos com um bocadinho de boa música e, sobretudo, orar — orar muito — ao Santo que se festeja para que Ele interceda junto de Deus pela paz para Portugal. Podem e devem as respectivas comissões suprimir o foguetório ou restringir ao máximo o seu uso; mas só nisto, pois o contrário seria contraproducente — seria fazer com que o povo caísse em profunda hipocondria, e esta gera a apatia, e um povo apático é um povo de antemão vencido.

Por isso — ó melgacenses! — no próximo dia 22, todos deveis subir a Vilela, para ali aos pés da Santa dos Impossíveis implorar a paz para a nossa Pátria, pois, infelizmente, eu, pelo meu estado de saúde, não vos poderei acompanhar, mas se Deus quiser lá estarei em espírito.

Agora que ninguém, mal intencionado, veja nesta minha exortação hipocrisia nem egoísmo, pois neste ponto eu sou insuspeito, já porque estas coisas a mim nada aproveitam, e já porque tenho um filho no Ultramar português, em condições de pegar em armas para defender aquela parcela sagrada da sua e nossa Pátria.

De resto, as actuais festividades religiosas não são centro de fungã, já que os padres, a tempo e horas, tiveram o cuidado de as expurgar de bailaricos, cantatas e de todos os actos mais ou menos carnavalescos (sobrevivências do paganismo) tanto do agrado dos ateus, mações, jacobinos e quejanda canalha; não, as actuais festas são motivo de piedade e oração, onde todos devem ocorrer e rezar para que o nosso invicto Portugal continue a ser uma nação una e livre.

Ora, porque assim deve ser, no próximo dia 22, todos, pois, a Santa Rita! Valeu!...

Na vila de Monção, onde residia há muitos anos, faleceu, pelas 9 horas do pretérito dia 23, a s.ra Almerinda Gomes de Sousa, de 72 anos, filha de António Augusto Gomes de Sousa e de Maria de Jesus Vaz, e viúva desde 3-12-1959 do conhecido motorista Henrique Severino de Azevedo, com quem havia casado na igreja desta freguesia em 6-2-1913.

A chorada extinta, que muitas vezes me trouxe ao colo, era mãe da s.ra Palmira Alice de Sousa Azevedo Vieira e do sr. Henrique José de Sousa Azevedo; sogra da s.ra Josefina Esteves Ruival Azevedo e do sr. Eduardo Luis Pinto Vieira, e irmã das s.ras Carolina e Angelina Gomes de Sousa e dos srs. José Maria, Luís (ausente em Moçambique),

(Continua na 3.ª página)

Bombeiros Voluntários  
de MelgaçoCONSTRUÇÃO DA SEDE-  
-QUARTEL

A Associação vem publicamente agradecer o brio demonstrado por todos os Amigos desta terra, ao acolherem com tanto interesse o apelo lançado e, bem assim, o cobrador das cotas, dos que já eram sócios e daqueles que o desejaram ser.

É necessário que o entusiasmo de uns para com os outros, pela forma de um incêndio, se alastre, sendo, então, urgente a criação de um Corpo Activo capaz de fazer-lo extinguir!...

Porém, tal Corpo Activo nascerá desse primeiro incêndio (que tem custado a apagar), que despertará um Melgaço — que é muito grande potencialmente!...

Terminada a última luta, no rescaldo, todos poderemos ver que, em seu lugar, apareceu um dos mais belos e modernos edifícios — a sede da nossa Associação.

Não é com facilidade que se encontra um edifício como o que, dentro em breve, os Melgacenses terão o prazer de inaugurar solenemente, mesmo em terras que, mercê de circunstâncias de vária ordem, tiveram a sorte de se adiantarem no progresso.

Por isso se pede a aqueles amigos que o possam fazer, se unam aos directos responsáveis para os ajudar a conseguir aquilo que todos ambicionam, primeiramente: inaugurar, com solenidade, a Sede-Quartel que tantos benefícios trará para todos e de todo o concelho.

Como poderão unir-se-lhes?

Da forma mais prática — oferecendo o seu óbolo, seja qual for, pois "o dinheiro é que governa o mundo".

Já o fizeram os Ex.mos Senhores e Amigos:

Alfredo Rego, da Fiat, Porto, 500\$00; Anónimo, do Porto, 100\$00; Dr. Eduardo Vila-

(Continua na 4.ª página)

## Gave, 1

FESTIVIDADE — Realizou-se ontem a festa de N. Senhora do Alívio que se venera na sua capelinha do Alto do Coto da Costa. Foi abrilhantada pela cabine Melgacense que deu entrada no sábado ao meio dia depois de dar entrada o Alto-falante. Foi queima, da uma salva de fogo dos Milagres e à noite também se realizou uma linda procissão de velas e um sermão à Senhora do Alívio.

(Continua na 3.ª página)

## Da Vila

Maio, 10

Ecce iterum Crispinus...

Estamos chegados a 17 de Junho, data em que termina o contrato com a firma J. Valverde & Comp.a, actual fornecedora da energia tétrica... perdão, dizemos eléctrica, a este concelho, pois o mesmo, como é sabido, foi e muitíssimo bem — rescendido pela Câmara em sua sessão de 6-6-1960, e — que saibamos — ainda não há a certeza que nessa altura esteja ca energia eléctrica nacional para substituir aquela; de modo que os melgacenses, que até aqui tem seroadado à média luz, estão na contingência de fazer-lo às escureas ou à ténue claridade da arcaica e fedorenta candieira, o que em todo o caso será bem melhor do que suportar o actual estado de coisas. Valha a verdade.

Ora, se tal acontecer, não se julgue que a Ex.mª Câmara descure ou tenha descurado este momentosa problema, não, pois sobejamente conhecidas são as diligências e os esforços por ela empregados para resolvê-lo; mas, pelos vistos, o emperro tem outra origem. A não ser... a não ser que algum mafarrico, com interesse em manter este estado de coisas, esteja escondido atrás de um biombo qualquer com seus chavelhos a torpedear a coisa...

Crispim

Aparecimento de cadáver — Em 27 do mês findo, apareceu na Valinha, a boiar nas águas do rio Minho, o cadáver de José Fernandes, mais conhecido pelo «Zé do Diabo», de Penso, que uns quinze dias antes, quando pretendia passar uma pequena porção de café para a Galiza, foi abatido a tiro pelos carabinieri.

Mercado semanal — No mercado realizado em 5 do corrente nesta Vila os géneros a seguir indicados tiveram a cotação seguinte:

Milho, meio decalitro, 10\$00; centeio, idem, 14\$00; feijão branco, idem, de 16 a 18\$00; feijão rajado, idem, entre 14\$00 e 15\$00; batatas, idem, 1\$00 o quilo, idem novas a 1\$00; idem, cebolas velhas a 2\$50, o quilo; idem novas, a 1\$50; idem, galos, galinhas e frangos desde 30, 25 e 15\$00, cada, respectivamente; ovos a 8\$00 a dúzia; laranjas boas a 5\$00, idem, cerejas a 1\$00, o prato (um quilo aproximadamente); sardinhas a 4\$50, a dúzia, o sável a 15\$00 o quilo.

Futebol — Com bom tempo e regular assistência, realizou-se, no passado dia 7, no campo do Monte de Prado, um desafio amigável entre o Sporting local e um grupo de Vila Nova de Gaia, tendo o primeiro «feito miséria», pois venceu pela elevada diferença de 12 pontos, ou seja o resultado de 13-1.

O tempo e a agricultura — Faz agora um calor de rachar, o que já não era sem tempo, pois a chuva ia sendo em demasia, com acentuado prejuízo para as culturas, nomeadamente para as vinhas.

## ROUÇAS, 13

Uniram-se em matrimónio na nossa igreja paróquial os srs. Manuel Augusto de Castro, de Oleiros, e a prendada menina Maria da Glória Gonçalves, da Carreira. Desejamos-lhes muitas felicidades.

—Faleceu na Carreira, o sr. José Lourenço, aqui muito estimado pelas suas qualidades. O funeral foi muito concorrido.

—No dia trinta de Abril, foi baptizada uma menina, de Requeijo, filha de Teresa Rodrigues. Foram padrinhos os srs. Américo Esteves e sua mãe, D. Ana Maria Domingues.

E no dia 7, o menino José Carlos, filho do sr. Alfredo Lourenço e sua esposa, de Corçaes. Foram padrinhos os srs. José Maria Gonçalves, digno G.N.R. em Tangil e sua esposa, D. Pureza Aida da Rosa.

Aos neo-cristãos e seus pais, muitas felicidades. —Está concluída a pintura do altar de N. Senhora das Dores, de Cavaleiros, que anda por cerca de 2.500\$00.

Oxalá todas as comissões de festas seguissem o exemplo do Sr. Manuel Augusto de Castro e companheiros.

Aqui lhes deixamos os nossos parabéns.—C.



**Firmino José de Carvalho**

Foi colocado na Escola Industrial e Comercial do Peso da Régua, o nosso amigo Firmino José de Carvalho, que até ao presente era funcionário da escola Carlos Amarante, de Braga.  
Parabens e felicidades.

**O meu ficheiro**

(Continuação da 4.ª página)

vide. A partir deste lugar até à sua foz, serve de raia aos dois países, banhando Melgaço, Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira e Caminha, indo desaguar no Atlântico, a três quilómetros a juzante desta última vila, mesmo em frente de La Guardia, na Galiza, percorrendo assim mais 75 quilómetros, 50 dos quais navegáveis, ou seja desde a sua foz até cerca de Monção. A sua bacia em Portugal é de 792 quilómetros quadrados, e dos seus 25 afluentes (principais) os mais importantes são o Sil, que nasce em Monferrada e se lhe junta alguns quilómetros abaixo de Monforte de Lugo, e o Coura, que desce da serra de Corno de Bico. Em Melgaço, banha as freguesias de Cristóval, Paços, Chaviães, Vila, Prado, Remoães, Paderne, Alvaredo e Penso, as quais, ora uma ora outra, todos os anos lhe pagam o seu tributo, com uma ou mais vidas humanas—tributo que, quando Deus quer, também outras freguesias lho pagam.

A fauna piscícola do rio Minho, tanto em espécies migratórias como nas indígenas, é importantíssima, embora já o tenha sido mais. Entre as primeiras, contam-se o salmão, sável e lampreias, e entre as segundas trutas, bogas, escalos, mugens e eirós ou enguias. Nas suas margens, não é raro topar-se com uma ou outra lontra—esse animal daninho tão nocivo à pesca—e no seu seio também não faltam cágados, os quais, mormente para as ovas e criação, não são menos nocivos do que aquelas.

(Continua)

MARIO

**PARADA DO MONTE, 11**

Principiou o mês de Maria e temos notado que a igreja se encontra quase sempre cheia de devotos que vão pedir a Nossa Senhora a paz do mundo, e muito especialmente a paz de Portugal, tão ameaçada nas nossas províncias Ultramarinas.

**Aniversário** — No dia 25 do p. p., completou 2 anos a menina Maria da Fátima Rodrigues, netinha do correspondente deste jornal.

**Cabine Telefónica** — Desde ontem que temos a cabine telefónica nesta freguesia. Sem dúvida um melhoramento da máxima importância. Pois desde agora, se poderá falar para Melgaço e para outra parte qualquer sem ter que se deslocar da freguesia. Se se precisar um médico ou falar com qualquer pessoa, de urgência, já não se precisa de se deslocar.

—Agora a estrada vem vindo. Devagar mas está rompendo.

—Outra necessidade extrema, é a luz. Esse era outro melhoramento da máxima importância. Pois a luz era uma coisa que quase toda a gente a queria na casa. Mas essa custa-lhe mais a vir, pois há dois anos que havia de estar em Melgaço a luz nacional e ainda hoje não chegou lá.

**O tempo e agricultura** — Após um inverno crucial de vento, chuva e frio, veio o bom tempo. Está um tempo que parece S. João. Um calor sufocante. Deus permita que venha o contrário. As terras estão quase todas viradas. Há bons batatais. Vinho também há muito apesar de com o temporal e o frio se virar muito. Tem corrido bem para os feno e para as pastagens. —C.

**Prado, 10**

(Continuação da 2.ª página)

António Augusto e Manuel José Gomes de Sousa, digno cabo-marinheiro do Posto da Marinha deste concelho, aos quais, bem como a toda a demais família enlutada, apresento sentidos pésames.

—Também faleceu aqui, em Traz-do-Coto, no passado dia 7, o honrado lavrador sr. Amadeu Salgado, de 80 anos, filho de Manuel Joaquim Salgado e de Ludovina Rosa Baptista, viúvo desde 18-3-1935 de Elvira da Glória Lourenço.

Paz à sua alma e a toda a família dorida, mormente a sua filha s.ra Ludovina Isaura Salgado Gil e a sua velha irmã s.ra Isaura dos Prazeres Salgado, aqui lhes deixo as minhas sentidas condolências.

—Regressaram de Lisboa os nossos amigos Amadeu Augusto Rodrigues e António Gonçalves Pereira (Tonecas).

—Chegada de Quelimane, Moçambique, com seus gentis filhinhos, encontra-se entre nós a s.ra D. Amabélia Martins Moreira, esposa muito querida do nosso estimado assinante sr. Joaquim Lopes Moreira, ferroviário naquela localidade. Desde Lisboa veio acompanhada de sua bondosa tia s.ra D. Amabélia da Cunha Sotomayor Martins Rodrigues, que propositadamente ali se deslocou para esperá-la. Muito boas-vindas, pois. —(C.).

**DE FIÁES**

**Estrada Florestal** — Brevemente vão iniciar-se as obras da estrada que segue do Convento a Alcobaça, obras essas que este ano terão 1 quilómetro.

**Convento** — Principiaram as obras de reconstrução do nosso Convento para as quais foi orçada a obra com a verba de 10 contos.

**Falecimento** — Em França, no dia 29 de Abril faleceu Manuel Augusto Sérgio, solteiro, de 24 anos de idade, filho de Manuel Sérgio, do lugar de Sotomenho. Paz à sua alma e condolências à família.—C.

**PENSO, 27**

Há aproximadamente 15 dias um chefe de família, lutador da vida, tendo por alcunha Zé Diabo, teve necessidade de ir a Espanha a ver se conseguia ganhar o pão para seus filhos. Na vinda para Portugal encontrou-se com um carabineiro. O «Zé Diabo» deitou-se à água do Rio Minho onde foi morto a tiro.

O seu cadáver apareceu no Rio defronte da Velhinha.

—No dia 16 do mês passado, recebeu as águas do Baptismo um filhinho do sr. Carlos Rodrigues e de sua esposa, com o nome de Avelino. Que ise crie para o bem.—C.

**PELO HOSPITAL**

Movimento durante o mês de Abril:  
Consultas, 145; injeções, 184; Diatermias, 9; R. P., 7; Pequena Cirurgia, 5; Grande Cirurgia, 4; Baixas, 26; Altas, 22.

**Maternidade**

Eduarda Dantas, Vila; menina, Barbosa; Maria Domingues, Vila; menino, Carvalhiças; Olinda Dantas Afonso; Vila; Puritya Dias, Cela Couso; Julieta Cerqueira, Paderne; Sante, um menino.

**Gave, 1**

(Continuação da 2.ª página) Gave; ao meio dia saiu uma imponente procissão.

No domingo, às 11 horas, celebrou-se a Santa Missa da festa, e às 11 e meia houve o sermão que foi feito pelo rev.do Padre da

O TEMPO E A AGRICULTURA — O tempo tem estado muito ruim, tem chovido muito e tem atra-

**SOCIEDADE****Aniversários**

**FAZEM ANOS:** — Amabélia a menina Maria do Carmo Lopes Malheiro e o rev. António Domingues (Abade de Montaria); no dia 17 os srs. dr. Edgar Augusto Ribeiro, Manuel dos Santos Morais e Valdemar Lourenço de Lima e a menina Isabel Augusta de Araújo; no dia 18 a menina Maria do Céu Vieites e o sr. Joaquim Lopes Moreira; no dia 20 a menina Leonor Lopes Gonçalves e os srs. João Ferreira Cardoso e Raúl Arménio Gomes de Sousa; no dia 21 a menina Maria Teresa Rodrigues; no dia 22 a sra. D. Sara Maria Gonçalves de Barros; no dia 23 a menina Maria Júlia de Castro; no dia 24 as srs. D. Aida dos Santos Pinto e D. Amabélia Martins Moreira; no dia 25 as meninas Maria Amélia Solheiro Esteves e Maria Armanda Solheiro Pinto e o menino António Rodrigues de Araújo; no dia 27 a sra. D. Marieta Adelaide da Mota Solheiro Madureira; no dia 28 as meninas Margarida Alves e Rosa Maria de Magalhães Machado Martins Lourenço; e no dia 31 as sras. D. Amabélia da Cunha Sotomayor Martins Rodrigues e D. Maria Amélia Pereira Inácio, a menina Maria Fernanda de Sousa Calheiros e o sr. Justiniano Gonçalves Ribeiro.

zido a lavoura, mas a gente tem se atirado mesmo assim com o mau tempo.

Também fez muito mal à vinha que estava tão adiantada na gomada e o vento partiu muitos gomos com cachos grandes.

Também temos uma notícia para saberem os que são assinantes que estão na França que dentro de poucos dias temos cá o telefone público. Só falta o fio que os paus já estão todos postos.

Também esteve cá há dias o fiscal das padarias que veio aprovar a nova padaria que já anda há bastante tempo e já não foi sem tempo. — C.

**Pinto de Magalhães, L.da****BANQUEIROS****CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos**

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas  
LISBOA Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas  
AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

**Pinto de Magalhães, L. da****BANQUEIROS****Todas as Operações Bancárias**

GENTE E COISAS  
DE  
«O MEU FICHEIRO»

## HIDROGRAFIA MELGACENSE

Os principais cursos de água que nascem ou banham o alfoz mengacense são os rios **Minho, Trancoso, Laboreiro, Mouro, Folia e Ponte Pedrinha**, aos quais talvez se lhes pudesse acrescentar o **Rabosa**, pequeno regato que nasce em Penso, por cima de Felgueiras, e em quase toda a sua extensão limita esta freguesia com a de Alvaredo. Além destes, há ainda outros cursos de água, directamente tributários do Minho, mas de menor importância, como: a **Corga de Viladraque**, em Paços, que nasce nos montes da **Aguieira**; a **Corga de S. Rosendo**, assim chamada dum antigo oratório que existiu em Merelhe, mais ou menos onde ora está a capela da Senhora de Lourdes, nasce também nos montes da **Aguieira** e em todo o seu percurso divide as freguesias de Paços e Chaviães; a **Corga do Vale**, em Chaviães, cuja fonte é na mesma origem das precedentes; a **Corga da Assadura**, com fonte em S. Julião e foz no Louridal; a **Corga de Fontenas**, ou **Mourantão**, em Prado, e alguns mais, de caudais tão insignificantes que no verão, quando não estiolam, mal assinalam as linhas dos respectivos talvegues.

Ora, dito isto, comecemos já por falar no Minho.

Nasce este rio na Galiza, em Castro del Rei, sítio da Serra de Meira, e **Fuente Miñon** se chama a sua nascente, donde por certo lhe vem o nome; muito embora alguns autores antigos — entre os quais Plínio e Justino — pretendam que o mesmo tem seu étimo em **minium**, palavra



O rio Minho em S. Marcos (Peso)

latina que em português significa vermelhão, devido às muitas veias e limos desta cor que o mesmo nos apresenta desde a sua nascente até Orense — facto que, aliás, eu já pude ali constatar, mas que me não convence. De resto, no seu **Portugal Restaurado**, D. Luis de Menezes, 3.º Conde da Ericeira, ao referir-se ao Minho, é também da minha opinião.

Os Celtas chamavam-lhe **Bainese**, e isto é confirmado por Estrabão, pois este autor, embora nunca estivesse na Península, mas que compilou obras de outros geógrafos, entre os quais Poseidónio — sua principal fonte — governadores romanos, etc., referindo-se ao Minho, chama-lhe **Benes**; e, acrescenta o mesmo autor, que outros lhe chamam **Minion**. A dar fé nas velhas crónicas, teria sido o bispo Orisio quem lhe deu o actual nome — **Minho**.

Muitos tem sido os escritores que se tem ocupado deste rio, entre os quais Fr. Bernardo de Brito que na **Geografia da Lusitania** deixou escrito:

“...a virtude de suas agoas pera dourar cabellos, he notavel; pois que sem outra mistura mais que ellas quentes, em modo que se possam sofrer, fazem tanto effeyto como a lexia muy bem temperada: são tambem muy boas pera tinger lã, e todo o genero de panos”. A receitazinha... cheira mesmo a charlatanice que trazande. Vai, porém, por conta do frade ou autor...

Mas... em resumo, que o tempo urge e o espaço mingua.

Nasce, pois, o rio Minho na falada serra de Meira; corre no sentido nordeste-sudoeste e, depois dum percurso de 161 quilómetros em Espanha, atinge Portugal, em Ce-

(Continua na 3.ª página)

## Carta de Alcobaça

(Continuação da 1.ª pág.)

correspondência de Chaviães para “A Voz de Melgaço”.

Quase todas as freguesias do concelho, enviam assiduamente as suas notícias, e só nós, não temos a dita de saber o que se passa no pequeno canteiro, desse grande jardim que é Melgaço. Assim como eu, muitos mais são obrigados a estar longe da terra e da família, e, é-nos muito grato sempre que as mãos nos chega a “Voz de Melgaço”, devorar as suas colunas uma a uma e de entre elas encontrar o nome da nossa terra.

E por hoje fico-me por aqui. Agradeço a atenção dispensada, e espero que o meu pedido não cairá em poço sem fundo.

Alcobaça, 19 de Abril de 1961.

Manuel Augusto Lopes

## BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE MELGAÇO

(Continuação da 2.ª página)

rinho, Penso, 500\$00; Subsídio da Ex.ma Câmara Municipal de Melgaço, 1.200\$00; Juros no depósito 2.100, 64\$00; Entregue pelo cobrador Fernando, 712\$50; Saldo da gerência anterior, 2.552\$80. Soma, 5.629\$30. Raul Pereira da Rocha (prometido), 5.000\$00. Total, 10.629\$30.

Caros Melgacenses:

O empregado Senhor Manuel Baptista já iniciou as obras da última base da construção da Sede da vossa querida Associação. Pediu-se-lhe que a concluisse toda no mais curto prazo possível, o que ele prometeu.

Se é certo que “quem espera (desde 1947!!) desespera”, também pode desesperar quem, ao cabo, não tiver dinheiro para pagar...

Entregues as chaves à vossa Associação, tem o empregado de receber 30 contos (resto da proposta apresentada à última Direcção).

A soma que atrás se adquiriu está longe disso, como se verifica facilmente...

Não vos esqueçais, portanto, Caros Amigos desta Terra de Melgaço, de fazer chegar à Associação a vossa preciosa ajuda, que os louros da vitória serão vossos!

A todos, os que já cumpriram e os que vão cumprir, e até os que não cumprirão porque lhes vai ser de todo impossível, não obstante o seu entusiasmo pela causa, desde sempre muito reconhecida

A DIRECÇÃO.

## DESFAZENDO UM EQUIVOCO

(Continuação da 1.ª pág.)

Viana do Castelo. Tudo o mais (Carreira, Valença, Monção, Melgaço, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez e Paredes de Coura) formam como que uma província à parte, «quanto ao traço e quanto à dança».

Ficam, agora, os melgacenses — dignos desse nome — de sobejo esclarecidos à cerca do que se passou. Quanto ao meu alto apreço pelas belezas da sua região — inspiradora de tantas publicações minhas! — gostaria de vir um dia a manifestá-lo, deante do país inteiro, na própria R.T.P.

Seja como for, dou por bem empregado este incidente — brincadeira de mau gosto ou sincero ressentimento? — pelo ensejo que ele me proporcionou de, mais uma vez, divulgar o folclore do Alto-Minho...

Creia-me V. Ex.a com a mais nítida consideração o muito atento e grato

Pedro Homem de Mello

## «BARBAROS»

De Alfredo Gonçalves Pereira

As atrocidades, os barbarismos, os ataques à mão armada, os atentados aos nossos «Irmãos Brancos», cometidos em Angola, pelos nossos irmãos pretos e mulatos, são terroristas, são infames e só próprios de feras famintas.

Dia a dia tem chegado até nós, através das Emisoras, da Televisão e de alguns Diários, a alarmante situação de quem lá vive.

Pergunto: que vos devem os inocentes, os pais e mães dos inocentes?

Carnívoros, antropófagos, miseráveis. Precisais da extinção total da vossa raça, do vosso completo extermínio!...

Pagais assim, como continuais a pagar, a quem vos pôs uma tanga, a quem vos educou e instruiu?...

Já há muito que devíamos, para manter a completa integridade da Nação, ter enviado, reforços, termos tomado posições, para defesa do Património Nacional.

Agora, todos por um e um por todos, muitos e demonstramos, embora com muito sangue, que Angola é e será sempre de Portugal.

## TODOS

## A

## SANTA RITA!

## Festas de 1961

**Maió: De 14 a 22** — Novena Cantada, Santa Missa e pregação todos os dias.

No Domingo, 14 — As 18 horas, novena e sermão. Pela semana: a novena, santa missa e sermão, às 19,30 horas.

No Domingo, 21 — As 17 horas, santa missa, sermão, novena e procissão.

Na Segunda, 22 — As 11 horas, missa cantada, sermão e procissão.

Grandes leilões, oiro, aves, carnes, etc. etc. No domingo e segunda-feira, 21 e 22, actuará a Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, Cabine sonora da Casa Reinalta.

Nos últimos dias da novena, pregará um religioso do Mosteiro de Singeverga.

Numerosas comunhões! — Ofertas a Santa Rita! Um novo altar! — Um novo terreiro! — Uma Casa da Mesa! — Uma obra que surge! Vem a Santa Rita! Vamos também pedir pela paz em Angola!